

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO.

Editor—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na  
typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.—Pagamento adiantado.

NUMERO 22.

## O DOMINGO.

MARANHÃO, 15 DE JUNHO DE 1873.

E' geral a impaciencia com que é esperada a decisão da Assembléa Legislativa Provincial ao requerimento de vinte e quatro negociantes, que pedo a revogação da lei do fechamento das portas, assignado sem duvida n'um d'esses momentos infelizes em que o homem se deixa levar quasi como um automato, sem saber verdadeiramente o que faz.

Interessamos-nos pela não revogação da lei; o titulo do nosso jornal comprova que encaramos o domingo como um dia consagrado ao descanso e aos estudos; por isso que não vem fora de proposito a transcrição do seguinte artigo do *Echo Americano*, jornal illustrado, que se publica em New-York:

### O TRABALHO NOS DIAS SANCTIFICADOS.

*Les rois n'ont plus de trône et Dieu n'a plus de temple.* E' uma verdade incontestevel. Tire os altares a Deus e vereis os thronos desapparecerem; tire a religião aos povos, e vel-os-heis convertidos em feras.

Entretanto, para a conservação dos thronos não basta que existam os altares; é necessario que se não barbarisem: não basta que haja religião, é necessario que

se não desacatem seus dogmas, seus preceitos, nem suas maximas.

Será o estado actual do Brazil vantajoso a este respeito? Cremos que não. E se nos propuzessemos a tratar largamente deste assumpto, em vez de um artigo teriamos de fazer um livro. Tocaremos apenas em um abuso, de que não ha ninguem que não seja testemunha em todas as capitães, cidades e villas do Brazil,—é o trabalho nos domingos e dias sanctificados.

Alli vê-se trabalhar nesses dias, como si a religião que professamos, e é a do Estado, o não prohibisse.

Semelhante tolerancia é vivamente estranhada por todos os estrangeiros, que professam outras crenças.

A cessação do trabalho em dias determinados não é só um preceito do Deus do Calvario, não, é tambem um principio universalmente seguido, um dogma geralmente admitido, e que cumpre respeitar.

O descanso nesses dias é altamente necessario ao phisico e ao moral do homem.

O homem, que trabalha seis dias, precisa descansar no setimo. No fim da semana suas forças estão esgotadas, ou muito enfraquecidas, e, portanto, é lhe necessario o descanso para restaural-as.

E ainda mesmo quando tal necessidade não houvesse, que triste sorte não seria

a de um ente condemnado a trabalhar todos os dias do anno, sem excepção de um só! Como não seria infeliz a condição de um fabricante, de um operario, de um lavrador, e de outros muitos, si ao menos de seis em seis dias não podessem gosar socegradamente da companhia da esposa e filhos!

Por outra parte: será muito que de seis em seis dias consagremos o setimo ao culto divino, que não é um trabalho, uma fadiga, mas um repouso, um alivio e até um prazer?

Notae com que satisfação os habitantes do campo vão, em dias festivos, ao templo do Senhor. Vêde o prazer com que alli se demoram, e como, joviaes, recordam entre si o que fizeram, o que viram e o que ouviram.

Mas diz-se: Como não hão de trabalhar no setimo dia aquelles a quem o trabalho de seis dias não basta para sustentar— a familia? Esta objecção não passa de um sophisma. O producto de um trabalho bem regulado é mais proficuo do que o de um trabalho excessivo, que arruina a saúde, anticipa a velhice, e inabilita o homem para tudo. Mais vale trabalhar moderadamente até ao termo ordinario da vida, do que abusar das forças para abreviar esse termo, ou ser pesado á sociedade, vivendo á custa della. Outra objecção consiste

nos exambos o *kanaster* embalsamado e gosar a musica que executava uma boa orchestra.

No espaço de algumas luasas desse solo germanico reputado feudal, passejavam centenas de individuos de todas as gerarchias e profissões.

Allezas, excellencias, artistas e aventureiros do trinta e um estavam sob o nivel da mais perfeita egualdade.

Este mancoço que accende o seu charuto no do seu companheiro, honesto sapateiro de Wiesbade que hoje vestio o seu frac preto, é o principe de Hesse-Darmstadt que Napoleão, na jornada de Lutzen, fez Marquez de Brandebourg, titulo que não foi confirmado em Leipzig.

Este outro que joga, é o principe Cantacuzene, grego de origem e russo por seus serviços militares.

Alem, uma dama que procura sentar-se ao lado daquella gentil costureira, é a mulher do governador de Mayença, a irmã do rei dos belgas.

Eis o que vi em Wiesbade; e apesar de nossas

protenções á uma chimerica egualdade, nunca verei na França semelhante quadro.

Eu tinha tomado logar n'uma meza e pedido uma chavona de café: saboreando uma charuto, ouvia com profunda attenção a ouvertura do *Oberton* de Weber.

Acabada a musica, voltei-me e achei sentado a mesma meza um estrangeiro.

Observando-o, senti logo por elle uma sympathia subita: seus olhos eram azues; sobre sua larga fronte, onde o pezar parecia ter feito mais rugas que a idade, rolavam raras cachos de louros cabellos que começavam a embranquecer.

Suas maneiras respiravam a boa companhia, e a pureza com que fallava o francez e alemão, impedida de conhecer-se, a primeira vista, a qual das duas nações pertencia.

Não sei como a conversação se entabou entre nós; recordo-me somente de que ella não versou por muito tempo sobre banalidades.

## FOLHETIM.

O dia 25 de Julho.

(Trad. de D. S.)

A estalagem de Wiesbade estava vasta e as pessoas que alli se reuniam, occupavam as cadeiras e bancos collocados defronte do Kursaal.

Estavamos n'um domingo.

O alegre jardim que se estende desde as ruínas de Sonnenberg até o Kursaal, bello edificio onde todos os dias pode-se pular, perder dinheiro ao trinta e um, e uma vez por semana dançar com as raparigas que alli se reúnem, vomitava por suas largas ruas uma multidão de passeiantes.

Não eram somente os Wisbadenses que buscavam um *farniente* docemente agitado, tambem os habitantes das aldeias, dos castellos vizinhos, de Mayença e Francfort vinham fumar em seus lon-

em que os operarios si não trabalharem nos domingos e outros dias santificados irão gastar nas tabernas, consumir na embriaguez aquillo que nos precedentes dias tiverão adquirido. Mas, que logica é esta, que não admitte meio termo entre o excesso do trabalho e os extravios do vicio?

E' fazer grande injuria á classe proletaria o suppor-a tão degenerada, pensando que na maior parte dos individuos que a compõe pôde mais o vicio que os dictames da razão, e as inspirações da natureza.

O pobre caixeiro que vive apegado ao balcão da loja, da taberna, não terá porventura direito a descansar um dia, a ir folgar, após seis dias de acurado trabalho?

Muito é para desejar que a autoridade competente tome em consideração este assumpto, que de tão longe advogamos, e é dos que mais sollicitam providencias.

O respeito ás leis é uma grande necessidade para os povos; e como se pode esperar que respeite as leis humanas quem despreza, quem não sabe, ou não quer acatar as leis divinas?

### NOTICIAS DA PACOTILHA.

E' um dos usos burguezes desta terra mandar fructas ou animaes enfeitados e dourados ao leilão da festa deste ou d'aquelle santo, para das duas uma: ou ajudar a conservar com magnificencia o culto do mesmo santo, ou involuntaria e inconscienciosamente dar de comer algum thesoureiro de irmandade.

Uma galinha, que — como é sabido — não custa mais de quatro ou cinco patacas, no leilão, debaixo de uma *toilette* de fitas e dourados, alcança para os cofres

Examina-as logo o estado politico da Alemanha, sua litteratura e costumes.

As justas observações do meu desconhecido surprehenderam-me, e quando, passando da politica ás tradições populares, elle fallou com uma tal poesia que recordou-me Schiller em suas balladas: a minha admiração tornou-se ainda maior.

Das tradições versou a nossa conversação sobre as ruinas que a Alemanha conserva com tanto cuidado, e tendo-lhe eu annuciado o meu projecto de visitar as que ficam nas margens do Rheno, o meu novo amigo pediu-me que aproveitasse a occasião para fazer-lhe uma visita.

Dice-me, enfão, que era o conde de R... e que habitava durante o estio o velho castello de B... situado perto de Rudesheim.

Agradeçi o seu gracioso convite e prometti não esquecer-me, porem elle forçou-me a marcar o dia de minha visita.

— Bem, senhor conde, dice-lhe eu, no dia 25 deste mez, tempo em que devo ter terminada a minha estação de banhos e...

da irmandade o duplo daquillo que realmente vale.

Assim as mulheres de uma belleza gasta, que, ajudadas por boiões, pomadas e pinceis, lindas parecem aos olhos myopes de seus adoradores; assim as mil panaceas que erram por este mundo velho, com a unica recommendação de seus involucros e de bombasticos artigos de gazeta.

Pois no domingo passado — os carros de condução da Companhia Ferro-Carris, a imitação dos mimos de leilão, das cortezaus mundaneiras e das panaceas, desfarcaram-se com uns festões de murta, exigindo o Sr. gerente, por isso mais cento por cento por cada passageiro, isto é — passagens relativas ás dos *bonds* de 1.ª classe.

Nem nos consta que, no contracto celebrado com a provincia, a Companhia Ferro-Carris tem o direito de exigir mais dinheiro pelas passagens nos seus carros, quando estes se mascararem; nem nos consta que, por causa dos festões e murta e das cortinas que os revestiram, naquella dia os seus carros de condução, subam estes á dignidade de *bonds*! Pão — pão, queijo — queijo.

Por isso não admira que tivessem, naquella abençoado dia, entrada para os cofres da Companhia mais de 700\$000 reis!

Deixando, porém, de parte esses factos que nem de leve censuramos, por chamarmos a isso — *prégar no deserto* —, e termos o costume louvavel de não esperar sem proveito tempo e palavras, passamos a dizer que foi um domingo alegre o passado, em vista da romaria que festiva passou todo o dia no Outeiro da Cruz, capinando e limpando o terreiro, onde tem, a custa de uma contribuição popular de erguer-se uma modesta ermida á Nos-

— Em 25, e nós estamos no mez de julho, exclamou o conde, empallidescendo.

— Mas, repliquei eu, em outro qualquer dia...

— Não, vinde a 25, eu vos peço, minha emoção subita deve parecer-vos estranha, porem a desculpareis, quando souberdes a causa.

E, tendo-me feito prometter que não faltaria no dia marcado, deixou-me para voltar ao seu castello.

Não foi sem muitas hesitações que no dia 25 de julho puz-me a caminho: a dor que o conde soffera ao fallar-lhe nesta data, fazia julgar-me um importuno.

Quando as patas do meu cavallo soaram sob a abobada de B... eu estive para voltar a brida, mas era tarde, um creado veio segurar-me a redea e, depois de ter entregado o cavallo a um palefrenheiro, introduziu-me n'uma vasta sala envidraçada.

Achei o conde n'uma bibliotheca contigua a esta peça, recebeu-me com muita amizade, e ainda que suas faces mostrassem a expressão de um grande

sa Senhora da Victoria para commemorar a victoria que alcançamos contra os holandezes.

Para minuciosidade de datas e averiguações historicas, reparto-me ao noticiario do *Publicador*.

— Quarta feira passada teve logar no lindo edificio do Collegio de N. S. da Gloria um brillante concerto, dado pelo Sr. João Pedro Ziegler: assistimol-o, e vamos tentar descrevel-o, esforçando-nos para fazer saber ás minhas amaveis leitoras as impressões que nos deixaram e aos demais convivas — as notas apaixonadas e melodiosas daquella festa musical.

Estava tão concorrido, que, logora primeira vista, via-se que se tratava de um concerto *gratis*, porque infelizmente, na nossa terra, aliás pejada de *dilettantes*, a arte, como tudo, vae em lamentosa decadencia. Deus queira que não soffoquem no berço a sociedade de canto *Orpheon*, que se acha installada, debaixo de excellentes auspicios, e que tanto promette á mocidade!

Deu começo ao sarão a grande symphonia dos *Diamantes da Coroa*, de Auber, cuja sublime execução prognosticou o bem que se havia de passar naquella noite, e á um terceto do *Chalet*, de Adolphe Adam, seguiu-se *Estrella confiante*, delicada romanza com muita graça cantada por uma Exm.ª Senhora.

Ouvimos depois brillantes phantasias de flauta sobre motivos da *Lucrezia Borggia*, de Dionizetti; depois um trio do *Guaranymy*, do festejado maestro brasileiro, cantado com muita expressão por tres excellentes vozes — soprano, baixo e tenor; depois o *Ultimo pensamento de Weber* — phantasia para piano; depois uma magestosa aria da *Somnambula*, cantada pelo

soffrimento moral, pareceu-me menos alterado do que em Wisbade.

Eu senti verdadeiro prazer em peregrinar o castello de B...; esta visita domiciliaria não foi monotonica, como é muitas vezes em França, onde o proprietario só pretende mostrar quartos bem mobilados, um jardim que chama inglez, por que contem ruas estreitas e um rochedinho artificial.

Alli tudo era notavel: cada peça guardada com os seus moveis gothicos, tinha um não sei que de historico, e si o olhar cahia das velhas janellas sobre o Rheno que deslisava magestosamente, beijando as alturas muralhas do castello, ficava-se impressionado.

A uma hora o creado veio interromper as nossas investigações, annunciando o jantar.

Na sala encontrei um primo do conde, o barão Adalberto que pareceu-me personagem bastante insignificante.

(Continúa.)



baixo; finalizando esta primeira parte algumas brilhantes phantasias de violino sobre *Nabucodonosor*, do inspirado Verdi.

Houve então um longo intervalo, durante o qual foi offerecido pelos delicados donos da casa um excellente copo d'agua aos convidados; si é que se possa ehamar *copo d'agua* á profusão de iguarias, que lá estavam prediostos com gosto sobre uma enorme mesa.

Finda a refeição, um esplendido quarteto de *Maria Padilla*, de Dionisetti, de novo entusiasmou os espectadores, e de novo lhes arrancou os estrípitos applausos que, desde o principio da festa, se manifestavam de todos os angulos do salão.

Foi justa e calorosamente applaudido o duetto de *Marino Falieri*—soprano e baixo, que precedeu á brilhante *ouverture* do *Corsario*—, phantasia para piano, e ás phantasias da *Norma*, para dous pianos, que arrebatarem.

Terminou o esplendido concerto com a *Ave Maria*, do *Guarany*, deixando a ultima nota uma saudade indissolvel pintada no rosto de todos, que de bom grado amanheceriam allí a ouvir as harmonias daquelles instrumentos e daquellas vozes.

As Exmas. Sras. que cantaram e tocaram foram DD. Emilia e Amelia Moura, Rachel Ziegler e Margarida Sabbas, cavalheiros—os Srs. Ziegler, Raiol, Scolari, Guignard, Ferdinand Fouque, Pedro dos Santos, Antonio Moura, Teixeira e Steinlin.

—No dia seguinte a procissão de *Cornus-Christi*, que nem vestígios conserva de seu esplendor, fria, como todas as festas municipaes, deu o seu costumado gyro nas ruas da cidade.

—Entram hoje as novenas da festa de S. João Baptista em sua igreja.

Todos os jornaes annunciam muita pompa e recommendam as musicas novas do Sr. L. Raiol, que têm de ser allí cantada.

—Mudando agora inteiramente de assumpto, vou contar aos leitores do *Domingo* o modo porque se acha impressa, no n. 1 do corrente anno deste jornal, uma poesia de Fagundes Varella—*Eu amo a noite*,—seguida de um relamborio, em que se diz que é ella producção de uma senhora portugueza que, por modestia, não quer que se divulgue o seu nome.

Um assignante do *Domingo*, que vai correndo p'ra rolo, querendo, de qualquer forma plausivel, fazer valer o seu direito de assignante, copiou dos *Cantos do ermo e da cidade*, do mavioso poeta paulistano aquella poesia e, entregando-a ao redactor, disse-lhe:—*E' de uma senhora portugueza, publique-a; mas não lhe posso dizer o nome da autora: é um segredo inviolavel.*

O redactor, que muito gostou dos versos, publicou os incontinenti, elogiando-os muito: deparando-se-lhe agora a mesma poesia no livro citado de Varella, pedimos elle que mandemos pentear burros ao insolito assignante que tal gracinha lhe fez.

Ora, o que veio este senhor fazer ao mundo, não nos dirão?

*O Domingos.*

### Pedro e Camilla.

(Trad. de Alfred de Musset).  
(vms. a. 21)

#### VIII

Estava-se em julho, o ar era puro e a noite bellissima. Camilla abriu a janella e poz-se a meditar, com os cabellos soltos, os braços cruzados e os olhos brilhantes; bella, d'aquella pallidez que a claridade da noite dá ás mulheres, ella observava uma das mais tristes perspectivas que se lhe podia offerecer aos olhos: o acanhado pateo de uma enorme casa onde se alojava uma empraza de diligencias. N'aquelle pateo humido e insalubre, jámais penetrara um raio do sol; a enorme altura de tantos andares privava da luz esta especie de cava. Quatro ou cinco grandes carruagens enfileiradas sob um telheiro, apresentavão as lanças á quem entrava. Duas ou tres outras, deixadas no pateo por falta de logar, parecião esperar os cavallos, que escondavão na estrebaria á espera da ração da noite. Acima de uma porta restrictamente fechada pelos locatarios durante a noite, porem sempre prompta a abrir-se ruidosamente á qualquer hora que n'ella batesse o elcote de um cocheiro, se elevavão grossas paredes, guarnecidas de mais de cincoenta janellas, onde depois de dez horas, nunca se vio uma luz, salvo caso extraordinario.

Camilla ia sahir da janella, quando de repente na sombra projectada por uma pesada diligencia, lhe pareceo ver passar uma forma humana, trajando brilhantes roupas, que passeiava lentamente. Um arrepio de medo percorreo-lhe o corpo sem que ella soubesse porque; seu tio estava em casa e tinha o somno leve; depois, quem supportaria que um ladrão ou um assassino viesse para aquelle pateo e em trajes tão ricos?

Entretanto Camilla via um homem que passeava á sombra da carruagem, fitando a janella em que ella estava. Passados momentos, sentio que lhe voltava a coragem; tomou uma luz e, avançando o braço fóra da janella, esclareceo subitamente o pateo e ao mesmo tempo dirigio para baixo um olhar entre-medroso e ameaçador. Desapparecendo a sombra do coche, o marquez de Maubray, porque era elle, vio que estava descoberto e, por toda resposta, poz um joelho em terra, juntando as mãos e contemplando Camilla na attitude de mais profundo respeito.

Elles demorarão-se algum tempo assim; Camilla á janella, segurando a luz; no pateo, o marquez de joelhos.

Si Romeo e Julieta, que pela primeira vez se vião em um baile de mascaras, trocãrão tantos juramentos, fielmente cumpridos, calcule-se quaes forão os primeiros gestos e os primeiros olhares de dous amantes, que só pelo pensamento se podião dizer essas cousas, eternas diante de Deus, e que o genio de Shakspeare immortalizou sobre a terra.

E' verdade que é ridiculo subir dous ou tres degrãos para alcançar o tejadilho de uma carruagem, parando-se a cada esforço para ver si se deve continuar. E' verdade que um homem, de meias de seda e casaca bordada arrisca se a sahir-se mal, quando se trata de saltar do tejadilho ao encosto de um janella. Tudo isto é incontestavel, a menos que se não ame.

Logo que o marquez de Maubray chegou á camara de Camilla, começou por fazer-lhe uma mesura tão ceremoniosa como si estivessem nas Tulherias. Si elle podesse fallar, talvez lhe contasse como é que escapára á vigilancia do aio, para vir, mediante uma paga a um laçao, passar a noite sob suas janellas; como elle a se-guira, quando sahirão da opera; como seu olhar lhe fizera mudar inteiramente a vida; enfim que só a ella amava no mundo, e não ambicionava outra felicidade que poder offerecer-lhe sua mão e sua fortuna. Tudo isto fluctuava-lhe nos labios, porem a reverencia de Camilla, em resposta á sua saudação, lhe fez comprehender quanto uma tal narração seria inutil e que pouco lhe importaria saber como elle fizera por chegar á ella uma vez que viera.

Mr. de Maubray, apezar da audacia que provara para chegar até junto d'quelle que amava, era, segundo dissemos, simples e reservado. Depois de saudar Camilla, em vão procurou de que modo lhe perguntar si o queria para esposo; ella nada comprehendia do que elle lhe queria explicar. Vendo sobre a mesa a taboira em que estava escripto o nome de *Camilla*, elle tomou o pedaço de gozzo, e ao lado do d'ella, escreveu o seu: *Pedro*.

—Então o que é isto gritou uma voz de baixo; o que quer dizer este *vez-de-vous*? Por onde entrou o Sr. ? o que veio fazer aqui?

Era o tio Giraud, que entrava, de robe de chambre, furioso.

—Está bonito! continuou elle. E eu a dormir socegado, sabe Deus até quando! porque, si vocês fizerão barulho, com certeza não foi fallando. Que qualidade de homem é este que se diverte em pular janellas? E com que intenções? Arrombar uma carruagem, quebrar tudo, causar prejuizos e, alem d'isso, deshonrar uma familia! lançar ao opprobrio e á infamia pessoas honradas!...

—Ai, que aquelle tambem me não ouve! gritou ainda o desolado tio Giraud.

O marquez porem tomou um lapis e escreveu em um pouco de papel estas palavras:

«Amo M.<sup>me</sup> Camilla, quero esposar-a, tenho vinte mil libras de renda. Quereis conceder-m'a?»

—Para andar tão depressa em negocios, só os mudos, disse o tio Giraud.

E depois de reflectir por alguns momentos, acrescentou:

—Saiha que eu não sou seu pae; sou seu tio. E' preciso pedir licença ao papá.

(Continúa.)

A. Gabriel.

## Angustiosa

## II

Quero esquecer-te e não posso !  
Ainda tendo na mente  
indestructivel o esboço  
do teu sorriso innocente.

Quero apagar de meu peito  
a chama d'esta paixão,  
e esse teu gentil aspecto  
não sabe do meu coração.

Ah, porque havia de ver-te  
assim, formosa qual és !  
si não podia offrecer-te  
amor, vida, alma a teus pés ?

Si eu hei-de atar ao semblante  
a máscara da placidez,  
quando sinto delirante  
do cerebro a insensatez !

Sorrir, quando o peito chora,  
dar-te o cado em vez da flor,  
ter de chamar-te — Senhora —  
podendo chamar-te — amor — !

Nos olhos intumescidos  
dizer a lagrima: — espera !  
Possuir vergeis floridos  
e uma eterna primavera.

e ter de dizer: — Maria,  
afasta-te, seraphim !  
sou o inverno que esfria;  
não te chegues para mim. —

Procurar o esquecimento  
dos vinhos na embriaguez,  
exclamar ao pensamento:  
— máscara-te em estupidez.

Dizer a veia que salta:  
— transforma-te em desamor...  
E' um martyrio que mata,  
nem ta provação peor.

E eu gemo n'esta agonia,  
que se não pode coadjar;  
mas sinto que ella allivia  
porque soffro por te amar.

## III

Porque que has-de ser assim tão inclemente,  
que não sequer as magoas me allivias,  
quando, com uma palavra, tu podias  
compassiva mostrar-me o céu fulgente.

Acaso tão depressa te esqueste  
d'essa nossa amorosa quadra, amena,  
que desistiu-se placida e serena,  
sem um trazo de fel, pura, celeste ?

E' impossivel, tu não tens, Maria,  
o coração tão frio e tão de pedra;  
e, eu sei, a indiferença não te medra  
n'essa alma onde se aninha a poesia.

O que te custa, pois, dar uma parte  
do sentimento que em teu seio mora ?  
Si o peito te transborda, eia ! minora  
a minha dor e essa afeição reparte.

Tem-me pungido tanto o pensamento  
de que o olvido é motor d'essa frieza,  
que balouçar assim n'esta incerteza,  
será sacrificar-me a fogo lento.

Eu não te peço (em que me pese) um abysmo  
de amor, febres, delirios e loucura:  
basta que tu desfaças a amargura  
que me causa a suspeita do que scismo.

Olha, ás vezes te vejo nos meus sonhos,  
com essa alvura que cega e que deslumbra,  
e como que a tristeza te resumbra  
dos olhos lagrimosos e tristonhos.

Eu digo então: — talvez que esse desgosto

ella soffra por mim ! » e sou tão louco  
que chego-me a sorrir. Vês ? E tão pouco  
basta para tornar-me alegre o rosto.

Sé compassiva pois ! E' tão sublime  
os prantos enxugar, ouvir as queixas:  
Escuta o soluçar d'estas endeixas,  
e que um raio de amor teu ser anime.

1873.

GELSO MAGALHÃES.

## Escuta !

O. D. e C. á J.

L'oreille entend rien qu'une vague plaintive  
Qui, comme un loqz haïsser, murmure sur sa rive,  
Ou la voix des zéphirs,  
Ou les sons cadencés qui gémit le Philomèle,  
Ou l'écho du rocher dent un soupir se mêle  
A nos peuples soupirs.  
(de L'Amour. 25<sup>me</sup> Méd. Chant d'Amour.)

Escuta, donzella,  
As phrases sentidas,  
As travas deridas  
Do triste cantor.  
Escuta !... Uma voz  
Te diz: — amizade ! —  
Um echo: — saudade ! —  
Um sam diz: — amor !

Escuta o favonio,  
Que passa gemendo,  
As pet'las volvendo  
Purpureas da rosa;  
Escuta os queixumes,  
Os ternos gemidos  
E ais doloridos  
Da rola saudosa.

Escuta da brisa  
O mesto cicio,  
Que, á margem do rio,  
Nos ramos perpassa;  
Escuta o gorgoio  
Dos plumbeos cantores,  
Que trinam amores  
A' lympha que passa.

Escuta o murmuro  
Da limpida fonte;  
Escuta do monte  
O som reflectido:  
Escuta, meu anjo,  
Mui tristes as queixas,  
Sentidas e guchas  
D'um peito ferido.

Nos tardos momentos  
Do vago scismar,  
Attende ao fallar  
Da recta razão;  
Attenta escuta  
As crebras pancadas  
Das fibras magoadas  
Do teu coração.

De mim tu distante,  
O peito perscruta,  
As vozes escuta  
Que dizem: saudade ! —  
E os échos ao longe  
— Saudade ! — repetem,  
E os sons só reflectem:  
— Amor ! — amizade ! —

Maranhão, junho de 1873.

S.

## Soneto.

Ver entrar pela porta mais grosseiro  
que um cachorro, um credor já semi-idoso,

é quanto de cruel e de horroroso,  
lá, houve, haverá no mundo inteiro.

O polbre devedor, sem ter dinheiro,  
alce a funda gaveta, presuroso,  
mirando de revez o furioso  
olhar do de vergonha mensageiro.

— Paciência, meu claro, pois não tenho  
um chupado real, mas desta vez  
de em breve pagar-lh'eu faço empenho.

O sujeito que é tolo e portuguez  
pergunta brutalmente: « Quando bento ? »  
— Não ha que perguntar: — P'r'o fim do mez...

A. A.

## Fujamos.

Vae a noite fugindo... e a lua,  
como bella, se mira no mar !...  
Vamos juntos sulear essas ondas:  
nosso amor vamos longe gozar.

No baren que corre  
da lua ao alvor  
sulquemos as vagas;  
fujamos, amor !

Vamos longe gozar doce encanto  
nesse leito de niveo marfim;  
dormiremos da noite ao relento  
como as flores no chão do jardim.

A onda que passa  
em brando fragor  
exhala saudosa  
suspiros de amor !

Tem doçuras o mar nesta hora  
e o céu tem encantos, sedaz !...  
A ondina suspira queixumes  
e os astros nos enchem de luz !

A fruta longinqua  
em doce languor  
então na margem  
sens hymnos de amor !

Vai bem longe do mundo ruideo  
condusir-nos meu alvo batel...  
Dormiremos tranquilos nas aguas,  
tendo as nuvens d'azul por docel.

Naquelle barquinha  
gentil trovador  
repete em seu canto:  
— Fujamos, Amor !

Maio de 1873.

D. S.